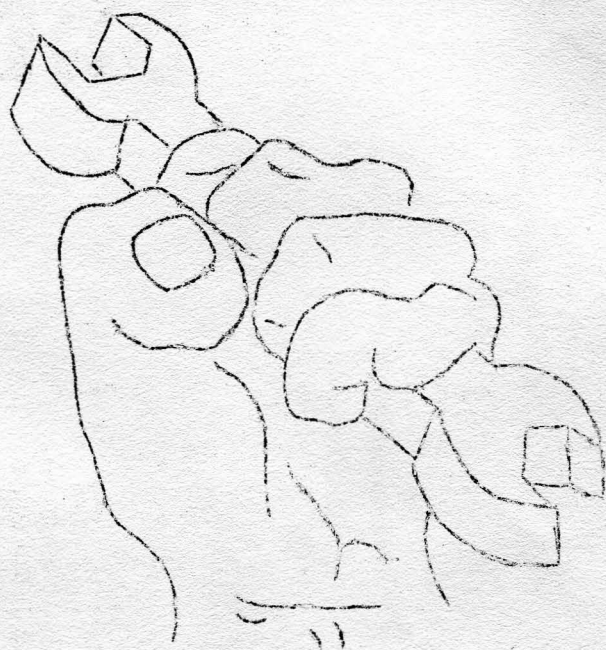


SOBRE A GREVE





INTRODUÇÃO

Esta edição do Comité Luta Proletária de Lousado, Ribairão e Trofa, constitui um primeiro contributo para todos os camaradas operários e trabalhadores da região, para através dela se inteirarem das nossas posições, fazendo assim avançar o nível de consciência política da classe operária.

Ela surge no momento em que uma das fábricas da nossa zona - a TRIBOR - se encontra em greve com ocupação das instalações.

O interesse do texto reside em que nele se mostra serem completamente diferentes os interesses dos operários e dos patrões no sistema capitalista. Neste sistema social em que existe exploração do homem pelo homem, haverá lutas, lutas essas que só terminarão quando terminar a exploração. Todas as greves em Portugal, nomeadamente depois do 25 de Abril, demonstram esse facto.

A classe operária convence-se pouco a pouco que o causador de toda a sua miséria é o sistema capitalista e que só quando este for destruído se consegue evitar que haja despedimentos, baixos salários, fome, miséria, terror, e que as organizações operárias e revolucionárias sejam perseguidas e por vezes dizimadas como no Chile e em Espanha.

Os operários não querem o capitalismo, quer ele seja fascista quer democrata; querem sim uma sociedade controlada por eles, uma sociedade em que sejam eles a gerir as fábricas e toda a economia.

Nessa sociedade todo o poder económico e político se-

rá exercido pela classe operária, através dos seus delegados eleitos nas fábricas e organizados em conselhos operários regionais e nacionais; isto constitui o Estado Operário.

O SISTEMA CAPITALISTA

Chama-se capitalismo a uma organização da sociedade em que as terras, as fábricas, a maquinaria, etc., pertencem a um pequeno número de grandes proprietários rurais e capitalistas, enquanto que os trabalhadores não possuem nada ou quase nada como propriedade sua e têm de procurar emprego. Os grandes proprietários rurais e os fabricantes empregam os operários e mandam-nos fabricar estes ou aqueles produtos que vendem depois no mercado. Ao fazer isto, os fabricantes contentam-se em pagar aos operários um salário que mal lhes permite subsistir com as suas famílias; tudo o que o operário produz para além dessa quantidade de produtos, o fabricante mete-o no bolso, é o seu lucro. Assim, em regime de economia capitalista, os trabalhadores efectuam trabalho assalariado por conta de outrem; não trabalham para eles próprios mas para os patrões, mediante um salário. Compreende-se que os patrões se esforcem sempre por diminuir o salário: quanto menos pagarem aos operários com mais lucros ficarão. Quanto aos operários, eles esforçam-se por obter o salário mais elevado possível, para darem à sua família

uma alimentação sã e abundante , para viverem numa habitação melhor, para não andarem vestidos de farrapos mas sim vestidos decentemente. Por conseguinte, entre patrões e operários, há uma luta incessante a pro-pósito dos salários; o patrão é livre para empregar quem bem lhe apetece, e ele procura o operário mais barato. O operário é livre para procurar o emprego num patrão à sua escolha, e ele procura aquele que paga melhor.

Em todos os países capitalistas a indignação dos operários manifesta-se por intermédio de lutas que normalmente surge_m numa fábrica, depois estendem-se a um ramo de industria, a uma região, a nível nacional, fazendo tremer o poder capitalista.

A GREVE: A ARMA DA CLASSE OPERÁRIA

Uma greve é uma paralização de trabalho duma fábrica, de um ramo de actividade industrial, de uma região ou de um país feita pelos operários e trabalhadores com vista a melhorar as suas condições de vida e subsistência.

A greve só consegue ser vitoriosa se conseguir a adesão da grande massa dos trabalhadores. para isso torna-se indispensável juntar operários e trabalhadores sob a bandeira vermelha da luta anti-capitalista, pondo de lado opções partidárias e religiosas, pois no fim de contas, o inimigo comum é o mesmo: o capital.

Mas toda e qualquer luta de trabalhadores põe em causa o sistema capitalista no qual vivemos. Por isso se põe sempre o problema da organização e da auto-defesa das lutas da classe operária.

Qualquer greve para ter sucesso tem de ser bem organizada, pois caso contrário, passados alguns dias do seu início, começa a notar-se um certo descontentamento por parte de camaradas menos esclarecidos, que se viram contra os outros que, firmes na sua posição, não cedem um palmo de terreno.

Quando os operários não só entram em greve, mas também ocupam as instalações, então aí o problema põe-se ainda com mais profundidade; exige já uma certa capacidade, que se vai adquirindo com a prática da discussão política constante, e com a responsabilidade das decisões tomadas por todos em assembleia.

Uma greve, pode ser dirigida burocráticamente por um sindicato, quer dizer, por funcionários muito afastados dos locais de trabalho, aos quais só vão de tempos a tempos, a fim de tomar o pulso às suas tropas. Pode ser dirigida democraticamente por um sindicato, quer dizer, na base duma assembleia de sindicatos grevistas, que tomam a seu cargo a decisão sobre o desenvolvimento da sua luta. Mas o modo mais democrático que se pode dar

à direcção da luta é evidentemente, o de um comité de greve eleito pela assembleia de grevistas, quer estes estejam sindicalizados, quer não estejam, e que se submete democraticamente às decisões das assembleias gerais dos grevistas convocados regularmente. Neste ultimo caso que a greve começa a ultrapassar as suas funções imediatas, quer dizer, os operários organizados convencem-se realmente da sua força, começam a libertar-se da passividade, da submissão a que estavam sujeitos; começam assim a compreender que estão lutando pela sua emancipação completa.

A ORGANIZAÇÃO DE UMA GREVE

Referimos, no ponto anterior que qualquer greve por mais elementar que seja, deve ser organizada. Que entendemos nós por organização de uma greve? Pois bem, logo que os operários paralizam o trabalho e ocupam as instalações da sua fábrica, devem pelo menos tomar de imediato as seguintes medidas:

a) divulgação da greve, De facto, é fundamental, numa dada região onde uma fábrica entra em greve, promover uma ampla campanha de divulgação dos motivos que os levaram a entrar em greve, do seu caderno reivindicativo, etc... Isso pode ser feito por uma equipe eleita em assembleia que ficará encarregada de elaborar documentos e panfletos, se necessário jornais de parede e até um jornal de greve. Tudo isso será distribuído em massa pelos trabalhadores de toda a região, levando

assim a todos os camaradas, as lutas que se trava na fábrica. Deste modo não há o perigo de possíveis deturpações e calúnias que sempre surgem e que só contribuem para o descrédito dos grevistas e da sua luta. O jornal de greve é importante, é um veículo de informação permanente e pode ser feito numa simples folha, que sairá regularmente; há empresas como a Efacec-Inel, onde esse jornal se publica depois de a greve ter sido suspensa.

Os operários criam assim eles próprios o seu Departamento de Informação permanente.

b) recolha de fundos. Sabemos que muitas vezes a greve dura semanas e até meses, e que os operários têm de subsistir, e que o único meio de que dispõe para isso é o seu salário; privados dele, correm graves riscos, eles e as suas famílias. Mas a luta dos operários de uma fábrica é a luta de toda a classe pela sua emancipação; por isso, os camaradas das outras fábricas e empresas compreendendo isso, e sabendo que qualquer qia poderão estar na mesma situação, colaborarão para auxílio dos grevistas. É necessário organizar caixas de solidariedade e recolha de fundos para os grevistas; muitas vezes os próprios sindicatos não têm disponibilidade para acorrer a todos os gastos; pois, teremos de contar com todos os camaradas e suas organizações (comissões de traba-

lhadores, sindicatos, partidas) e por isso uma vez mais é importante salientar a divulgação das lutas. Com os fundos recolhidos, uma equipa eleita para esse fim, distribuirá os mesmos, atendendo aos casos mais graves, como por exemplo, camaradas com família numerosa, camaradas doentes, etc...

Os operários organizam eles próprios o seu Departamento de Finanças.

c) distrações dos grevistas, Numa greve em que os operários ocupam as instalações, torna-se necessário prever um determinado numero de distrações, sem as quais, se a ocupação é prolongada, os camaradas são tomados pelo desânimo. Para isso haverá uma comissão que se encarregará de levar para a fábrica, livros, publicações, filmes, que mostrem as lutas dos operários e trabalhadores de todo o mundo contra a exploração capitalista de que são vítimas. Tudo isto é importante, pois além de elevar o moral dos grevistas, aumenta e faz desenvolver o seu nível de consciência de classe, e através dos exemplos de lutas de outras camaradas, saberão os operários tirar as lições necessárias; se as lutas desses camaradas são vitoriosas, colhem daí toda uma série de ensinamentos, úteis sem duvida para a sua luta; se se trata de uma luta falhada, então aí vemos os erros cometidos e concluimos que não os podemos cometer, e ainda que a

reação capitalista está atenta, e se os operários não estão também, poderão ser derrotados. São úteis também colóquios e debates para os quais poderão ser convidadas organizações políticas que se reclamam defensoras da classe operária e nos quais se tratarão os diversos problemas que a classe encontra, os métodos de luta a utilizar para a sua emancipação, etc.

Assim criam os operários o seu Departamento de Cultura e Recreio.

d) piquetes de vigilância. Todos os operários têm consciência que, quando ocupam uma fábrica ou uma empresa, necessitam estar vigilantes contra as manobras dos patrões; sabem que havendo matéria prima armazenada, o patrão tentará desviá-la da fábrica e por isso é preciso formar piquetes que impeçam a saída desses materiais. Além disso é necessário defender a fábrica que ocupamos, dos ataques das forças policiais ou de bandos fascistas que se organizam para fazerem provocações e para isso é preciso um piquete permanente em todos os acessos da fábrica.

Assim criam os operários o seu Departamento de Defesa.

e) informações confidenciais. Trata-se de um aspecto importante que terá de ser feito com

com as devidas precauções; é util por vezes saber quais são, em determinados momentos as intenções do adversário, até pelo facto de os operários não serem apanhados de surpresa, por algumas medidas da parte do patrão.

Desta forma organizam os operários o seu departamento de Informações Secretas.

Estes alguns dos pontos mais importantes no que diz respeito a organização de uma greve. O comité de greve de que se falou atrás, deve centralizar todos aqueles Departamentos de uma forma democrática. Em todas as greves, todos os comunicados, todos os passos a dar em frente, todas as conversações com os patrões, etc... devem sempre ser analisados e discutidos nas Assembleias de Fábrica. O comité de greve tem que dar sempre todas as informações a todos os grevistas; tem de discutir sempre o andamento da luta, e as negociações com os grevistas; tem que estar sempre ligada às massas trabalhadoras e proceder sempre de acordo com a opinião da maioria dos operários em greve. É necessário haver sempre a mais ampla e verdadeira democracia entre as massas trabalhadoras em luta. É por isso, que se devem fazer regularmente Assembleias de Fábrica para discutir os problemas; caso haja camaradas no Comité de Greve ou em qualquer dos seus departamentos que não cumpram a sua missão, eles devem ser imediata-

mente substituídos por camaradas mais dinâmicos e mais combativos.

A DUALIDADE DE PODER

Focamos atrás as formas que pode revestir a organização permanente dos operários em greve. Se pensarmos bem, os departamentos de que falámos revestem, no fundo, a forma dos Ministérios que existem ao nível do Estado. Este tipo de organização dos operários assemelha-se, portanto, às organizações do Estado Burguês, diferindo contudo dele pela sua democraticidade que lhe advem do facto de todas as instâncias serem eleitas pelos trabalhadores. Vemos pois que ao lado do poder capitalista se pode começar a formar uma espécie de poder diferente, que depende da relação de forças existente entre a classe capitalista e a classe operária: chamamos a isto contrapoder operário.

Se é evidente que ele surge sempre, por exemplo, quando os operários, além de entrarem em greve, ocupam as instalações, também é claro que para que esse contrapoder se consolide e amplie é necessário que a greve alastre a outras empresas, a outros ramos da actividade industrial, em fim, a uma região ou a um país. Mas para isso é

necessário que cada luta da classe operária encerre em si a contestação geral do modo capitalista de produção, quer dizer, que os operários, além de exigirem melhores salários, menos horas de trabalho, etc., exijam também direito à greve sem restrições, proibição dos patrões fecharem as fábricas, saneamento dos fascistas e outras medidas de carácter político.

No entanto, isto nada tem a ver com as teorias de co-gestão que alguns partidos burgueses (e mesmo reformistas) "oferecem" nos seus programas; com a co-gestão pretende-se fazer participar os operários na administração das empresas. É claro que isso não interessa à classe operária, pois esta não vai querer participar no sistema da sua própria exploração, não vai permitir que os seus interesses sejam atrelados à carga dos capitalistas.

A questão fundamental é pois a consciência política das massas; na sociedade burguesa a ideologia dominante é a da burguesia. A dominação da proletariado pela ideologia burguesa é mesmo o maior obstáculo, maior até que o exército ou a polícia. Ela basta para conter o proletariado em períodos normais, quer dizer, faz crer por exemplo que é a mesma coisa comprar pão sapatos ou operários ...

É claro que, em períodos de crise, os ódios, a raiva, o desespero acumulados irrompem violentamente, que os operários sacodem a servidão às máquinas, ao encarregado, ao patrão, sentem que não é natural nem deve ser eterno que eles passem 8 horas ou mais por dia agarrados às máquinas, que não é natural nem normal terem de vender a força de trabalho para sobreviverem, que não deve haver desemprego, que o capitalismo não deve ser eterno, que não deve ser eterno que os burgueses vivam à custa do trabalho dos operários. É então que eles são levados pela vontade de lutar e pela própria luta a organizarem-se em comitês de fábrica, a unir-se. Mas isso leva, como vimos, a combater as próprias bases da sociedade burguesa, à dualidade de poder na fábrica. Então, quando a sua audiência se amplia, os revolucionários têm um importante papel no avanço do combate, na condução das lutas no sentido de por em causa esse instrumento colectivo da burguesia, que é o Estado Burguês.

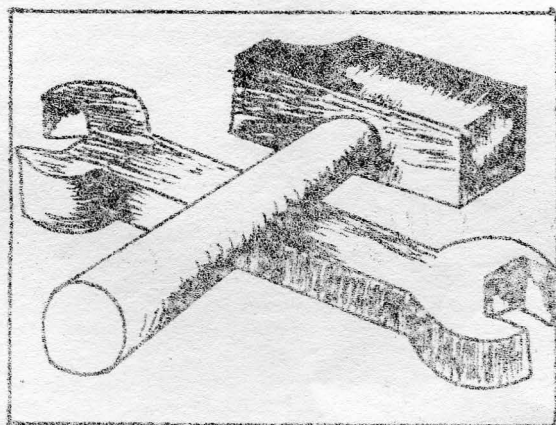
A organização revolucionária deve tornar consciente às massas as suas próprias lutas, aumentar-lhes a confiança nas próprias forças, aumentar-lhes a unidade e a organização, elevar-lhes a consciência política até ao nível necessário para que elas compreendam que é

inevitável e necessária a insurreição armada, único meio capaz de derrubar o Estado Burguês e lançar as bases da Ditadura do proletariado, do Socialismo e do Comunismo.

lê, discute e divulga

"UNIDADE OPERÁRIA"

JORNAL DO COMITÉ LUTA PROLE-
TÁRIA DE LOUSADO, RIBEIRÃO E
TROFA



CADERNOS

UNIDADE OPERÁRIA

Nº 1

1\$50